



LIVROS

Perdidos na selva

Na primeira metade do século, autores ingleses embrenharam-se pelo Brasil e produziram boa literatura

SÉRGIO AUGUSTO

an Fleming, o criador de James Bond, tinha um irmão chamado Peter Robert, que, entre outros feitos, se casou com uma das musas do cinema inglês dos anos 40, Celia Johnson (atriz do clássico *Desencanto*, de David Lean), foi editor literário do *Times* de Londres, escreveu romances e publicou estudos de História contemporânea. Mas nada disso lhe deu tanta fama — e, aparentemente, prazer — quanto as suas viagens para bem longe da velha Albion, todas recapituladas em livros de saborosa leitura. Parecido, inclusive no trajar, com aqueles exploradores ingleses popularizados pelo cinema, Fleming excursionou pelo Oriente e também pelos raros quadrantes onde o sol se punha sem pedir licença à coroa britânica. Em 1932, ele veio ao Brasil. Não como um turista qualquer, mas quase como um Indiana Jones saído das páginas do Rudyard Kipling de *O Homem que Queria ser Rei* e do Henry Rider Haggard de *As Minas do Rei Salomão*. Sua missão? Buscar outro aventureiro inglês, desaparecido sete anos antes em selvas brasileiras.

Chamava-se Fawcett o doutor Livingstone de Peter Fleming. Ao contrário do missionário e explorador escocês afinal encontrado na selva africana pelo jornalista Henry Morton Stanley, em 1871, Fawcett não passava de um coronel interessado apenas nas fabulosas riquezas que acreditava existir entre as ruínas de uma cidade escondida no mais remoto interior de Mato Grosso. Na companhia do filho e outro rapaz, também súdito do rei George V, rumou para o eldorado xavante em 1925 e nunca mais foram vistos depois que se embrenharam numa inexplorada região do planalto central. Durante anos o sumiço de Fawcett foi uma idéia fixa da imprensa inglesa. Qualquer rumor sobre

seu paradeiro sempre ganhava destaque nos jornais londrinos. Os mais céticos acreditavam que ele e seus parceiros haviam sido devorados pelos índios suíás. Outros, não necessariamente influenciados pela leitura de *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, alimentavam a ilusão de que Fawcett, a exemplo do conradiano Kurtz, não só sobrevivera às provações silvestres como se transformara numa espécie de divindade tribal.

A primeira hipótese, mesmo não comprovada materialmente, acabaria prevalecendo — sobretudo depois da frustrada jornada de Fleming. Minuciosamente descrita num livro, *Brazilian Adventure*, recém-traduzido pela Marco Zero com o título de *Uma Aventura no Brasil* (tradução de Lillian DePaula e Magno Dado-nas; 286 páginas; 29 reais), a viagem de Fleming encantou os ingleses como nenhuma outra do gênero publicada entre as duas guerras mundiais.

BIRRA DE RONDON — “Geralmente as expedições produzem livros sérios, científicos e objetivos. Mas a nossa expedição não foi desse tipo, e tampouco o meu livro.” Assim ele abria o prefácio, cumprindo à risca suas promessas nas quase 300 páginas seguintes. Seu relato, vez por outra movido a peripécias similares às que Allan Quatermain, o vitoriano caçador de *As Minas do Rei Salomão*, enfrentou na terra

dos watusis, contém verdades, segundo o autor, “mas não fatos”. Não merece, portanto, ser comparado ao que ingleses de outra cepa, como, por exemplo, Russell Wallace, escreveram sobre a Amazônia. Fleming é um leigo em todas as ciências que mais serventia costumam ter num habitat primitivo e hostil ao que ele, eufemisticamente, chama de “força do iluminismo” — ou seja, o homem



branco europeu. O que mais cativa em sua aventura não são as fortuitas informações sobre a flora, a fauna e os índios que em sua marcha pelo Rio Araguaia encontrou, mas a maneira, literariamente elegante, como ele descreve as agruras, os êxtases e as ridículas do seu cotidiano tropical.

Não bastassem os obstáculos que a natureza e o atraso impõem ao sul do Equador, Fleming enfrentou, de quebra, a birra de (ainda não marechal) Rondon contra a presença de estrangeiros em nossas matas, a indisfarçável má vontade de um major americano, administrador da empreitada, e os transtornos irradiados pelo movimento constitucionalista de 1932, cujas implicações políticas, diga-se, captou direitinho. Obstinado, foi até onde suas forças e seus recursos permitiam. Mas nunca viu sequer um rastro do coronel Fawcett.

Embora tenha passado mais tempo longe da civilização, às voltas com mosquitos, jacarés e outros bichos, suas primeiras impressões sobre o país tiveram por cenário as selvas de asfalto do Rio e de São Paulo. Achou a então capital federal linda, apreciou suas estátuas e debochou do único arranha-céu que então ostentava (o edifício do jornal A



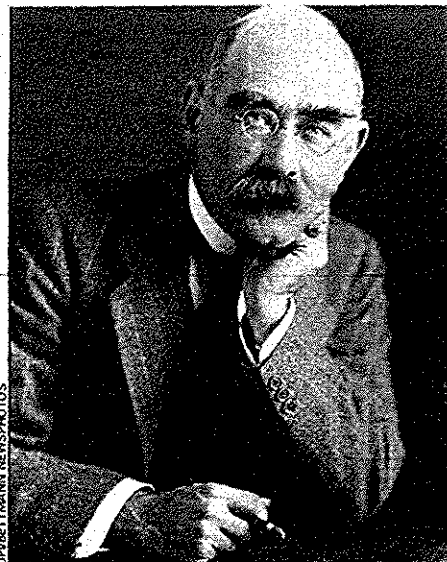


Veja

28/8/96

Pg cont.

420



Peter Fleming (à esq.), Evelyn Waugh (acima) e Rudyard Kipling: expedições malogradas e relatos fantasiosos da vida brasileira

Noite, na Praça Mauá), confortou-se com o progressismo paulistano, mas nossa tendência à impontualidade e a tudo adiar para o dia seguinte quase o enlouqueceu. Sempre, no entanto, foi salvo por sua britânica fleuma e seu inelutável bom humor. Mais de uma vez seu livro toma ares de comédia. "Com um sabor, leve mas estimulante, de melodrama", acrescenta Fleming, que ainda viveria o bastante para se alistar no Exército de Sua Majestade, enfrentar os nazistas e morrer como coronel da reserva, em 1971, com 64 anos.

MISSÃO DECRÉPITA — Assim que Fleming pisou de volta o solo inglês, o escritor Evelyn Waugh o procurou para uma conversa. Programara uma viagem de Georgetown (Guiana Inglesa) até Manaus e carecia de lições frescas sobre a Amazônia e adjacências. De nada lhe adiantara ler a parte que Alan Pryce-Jones ambientara no Brasil em *People in the South*, fruto de uma recente excursão pela América Latina. "Útil para estudantes de sociologia, mas sem grande valia para um viajante", comentou Waugh, que em dezembro de 1932 rumou para a Guiana, crente que dali iria a pé e a cavalo até Boa Vista e, em

seguida, até Rio Branco e Manaus. Teria de se contentar com um trem, decepção mínima para o que o esperava em Boa Vista, cujo nome o enganara. Além de feia, não tinha um hotel habitável, o que obrigou o escritor a passar a noite numa "decrépita missão beneditina".

A viagem de Waugh durou pouco mais de três meses e foi toda contada em *92 Days: the Account of a Tropical Journey through British Guiana and Part of Brazil*. É mais um estudo sobre a dinâmica da frustração e da desilusão num ambiente adverso do que um diário de viagem como outros que o escritor publicou na década de 30. Waugh sofreu o diabo com o calor, a preguiça dos nativos e a falta de infra-estrutura, mas não permitiu que esses e outros estorvos afetassem a sua prosa. "Quanto mais tediosa uma experiência, mais viva deve ser a sua descrição", recomendava em seu livro, editado em 1934. Mais tarde, em sua obra de ficção, o escritor voltaria a falar do Brasil em *Um Punhado de Pó*, em que o personagem principal, após ser traído pela mulher, resolve aventurar-se na Amazônia, de onde nunca mais consegue sair.

Waugh e Fleming não foram os únicos intelectuais ingleses de renome a visitar o Brasil entre as duas guerras mundiais. Kipling, o Homero do imperialismo britânico, aqui esteve em 1927, não à cata de aventuras, mas para promover seus romances. Recebido como um monarca das letras, teve direito a todos os rapapés das sociedades carioca e paulistana e até a uma sessão especial da Academia Brasileira de Letras. Retribuiu as gentilezas numa série de crônicas para o *Morning*

Post de Londres, mais tarde enfeixadas em livro, *Brazilian Sketches*, só traduzido em 1980 pela Record. Nada de essencialmente novo escreveu sobre o país. Elogiou o espírito carioca, comparou o dinamismo de São Paulo ao de Birmingham e Manchester, por pouco não disse que estivera no país do futuro.

PERMISSIVIDADE — Apesar de suas andanças pela Índia e de ter morado no leste dos Estados Unidos, Kipling não correu o mundo como os seus conterrâneos literários. Aventuras, para ele, só as da imaginação. Não se incomodava tanto com o enfadonho — e, para muitos, deprimente — clima das Ilhas Britânicas, o principal estímulo ao dar-nópe que nove em cada dez escritores ingleses puseram em prática após o armistício de 1918. Não para sempre, claro, mas pelo tempo que cada um julgava necessário para reabastecer a carne e o espírito de sol, calor e alguma permissividade não permitida pela corte.

Terras onde lobos e ursos se sentiam em casa, nada feito. Seus paraísos ficavam no Mediterrâneo e nos trópicos. Waugh, Fleming, Robert Louis Stevenson, Robert Byron, Rupert Brooke, D.H. Lawrence, Norman Douglas, Aldous Huxley, Graham Greene, Anthony Burgess, Bruce Chatwin — todos esses, e mais outros tantos, menos conhecidos, se notabilizaram por sua curiosidade em ver e sentir de perto os outros lados do mundo. Boa parte da ficção inglesa deste século foi escrita ou buscou sua inspiração além-mares. No final dos anos 70, Paul Fussell achou que essa tendência merecia um estudo e preencheu a lacuna, com um ensaio fascinante, *Abroad*, até hoje inédito em português. Nele, naturalmente, Peter Fleming é uma das estrelas. ■